

CAPÍTULO 1

O BRINCAR DE CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: uma revisão de literatura

Anielle Sousa Freitas¹

Gabriel Lukas Cunha Palheta²

Jacymária Teixeira do Prado³

Josileide Corrente Lima do Carmo⁴

Karina Paes Bezerra⁵

Núbia Aparecida Buniotto Rodrigues⁶

Maria de Fátima Góes da Costa⁷

¹Especialista em Transtorno do Espectro Autista com ênfase na Intervenção Comportamental pela Universidade de Fortaleza (Unifor). Graduada em Terapia Ocupacional pela Unifor.

²Especialista em Análise do Comportamento aplicada ao Autismo e Desenvolvimento Atípico pela Faculdade Inspirar. Graduado em Terapia Ocupacional pela Universidade do Pará (UEPA).

³Especialista em Neurologia pelo Centro Universitário Salesiano (Unisalesino). Especialista em Intervenção Análise do Comportamento Aplicada (ABA) para Autismo e Deficiência Intelectual pela Child Behaviour Institute of Miami (CBI of MIAMI). Graduada em Terapia Ocupacional pela Universidade Católica de Goiás (UCG).

⁴Especialista em Saúde Mental pela Faculdade Faculminas. Especialista em Análise do Comportamento Aplicada (ABA) pela Faculdade Faculminas. Especialista em Intervenção Análise do Comportamento Aplicada (ABA) para Autismo pela Faculdade Metropolitana. Graduada em Terapia Ocupacional pela Universidade da Amazônia (Unama).

⁵Especialista em Gerontologia e Gestão da Assistência do Idoso pelo Instituto Sinapse. Graduada em Terapia Ocupacional pela Universidade da Amazônia (Unama).

⁶Especialista em Psicomotricidade pela Faculdade Metropolitana. Especialista em Intervenção Análise do Comportamento Aplicada (ABA) ao Transtorno do Espectro Autista (TEA) pela Faculdade Metropolitana. Especialista em Transtorno Globais do Desenvolvimento pelo Instituto Paranaense de Ensino IPE América do Sul. Especialista em Educação Especial Grupo Rhema Educação (FATEC). Graduada em Terapia Ocupacional pelo Centro Universitário Salesiano (Unisalesiano).

⁷Doutora em Psicologia (Teoria e Pesquisa do Comportamento) pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Mestre em Gestão em Saúde na Amazônia pela Fundação Santa Casa de Misericórdia do Estado do Pará.

INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição do neurodesenvolvimento caracterizada por déficits persistentes na comunicação e interação social, além de padrões restritos e repetitivos de comportamento, que se manifestam precocemente e variam amplamente de acordo com a severidade ao longo do espectro (APA, 2023; WHO, 2019). Dentre as características frequentemente observadas no TEA estão diferenças sensoriais e dificuldades na autorregulação, aspectos que impactam significativamente a participação da criança em contextos sociais, educacionais e familiares.

Estudos recentes indicam elevada prevalência de alterações sensoriais em populações pediátricas com TEA, com taxas relatadas frequentemente superiores a 70-80%, e descrevem perfis como sendo heterogêneos, com hipersensibilidade ou hipossensibilidade na busca sensorial, que variam por modalidade (auditiva, tátil, visual, gustativa, olfativa, vestibular e proprioceptiva) (Kadlaskar *et al.*, 2023; Gunderson *et al.*, 2023). Achados de neuroimagem funcional, Eletroencefalograma (EEG) e estudos genéticos sugerem alterações em áreas sensoriais primárias, regiões integradoras multissensoriais e em circuitos cerebelares, bem como para variantes genéticas, que modulam excitabilidade neural e podem explicar subgrupos com hipersensibilidade sensorial (Wang *et al.*, 2024; Guo *et al.*, 2024).

O brincar, atividade central para o desenvolvimento infantil, promove aprendizagem sensório-motora, regulação emocional, interação social e aquisição de novas habilidades cognitivas. No contexto do TEA, diferenças sensoriais influenciam estilos de brincar, predispondo algumas crianças a atividades repetitivas ou isoladas, enquanto outras buscam intensamente experiências sensoriais que podem dificultar a correção e a interação compartilhada (Kadlaskar *et al.*, 2023; Gunderson *et al.*, 2023).

Nesse sentido, o brincar terapêutico, uma intervenção intencional mediada por profissional que utiliza a técnica para objetivos clínicos e regulatórios, e as brincadeiras sensoriais têm sido propostas

como estratégias para modular os níveis sensoriais, promover autorregulação e ampliar repertórios sociais (Axline, 1947; Landreth, 2012).

Revisões e estudos empíricos recentes sugerem que intervenções lúdicas sensoriais, quando adaptadas ao perfil sensorial individual, podem reduzir a agitação, diminuir comportamentos anormais e aumentar engajamento e tolerância a estímulos adversos. Evidências sobre ambientes sensoriais e salas de calma apontam para redução do estresse e recuperação sensorial após picos de excitação; contudo, a literatura é limitada por heterogeneidade metodológica, com ausência de medidas de desfecho diversas e por escassez de ensaios randomizados controlados padronizados (Williams *et al.*, 2024; Lyu *et al.*, 2025). Nesse sentido, este trabalho tem como objetivo compreender o brincar de crianças com TEA e as possibilidades de intervenção com Integração Sensorial de Ayres.

MÉTODO

O presente trabalho trata-se de uma pesquisa que tem como abordagem metodológica a revisão narrativa da literatura. Embora não siga padrões sistemáticos rigorosos, diferente das revisões sistemáticas. Esse modelo de revisão permite interpretar o conhecimento já produzido em uma determinada área de estudo, oferecendo maior flexibilidade metodológica, possibilitando uma análise mais ampla e interpretativa das informações disponíveis (Martins, 2018).

Para a coleta de dados, foram realizadas buscas nas bases de dados eletrônicas: Academia Edu, ASHAWire, CINAHL, PubMed, PsycINFO, SAGE Journals, SciELO, BioMed Central, ScienceDirect, Scopus, SpringerLink e Web of Science, usando termos em português e inglês, utilizando os descritores: “Transtorno do Espectro Autista”, “brincar” e “Terapia Ocupacional” e as palavras-chave: “Disfunção Sensorial”, “Integração Sensorial” e “regulação modular”. Os critérios de inclusão foram: artigos que tratassem da temática sem restrição de idioma, em crianças com TEA, com Disfunção Sensorial e dificuldade na regulação, publicados entre os anos de 2021 e 2026.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A estratégia de busca consistiu na identificação de 224 registros nas bases de dados Academia Edu, ASHAWire, CINAHL, PubMed, PsycINFO, SAGE Journals, SciELO, BioMed Central, ScienceDirect, Scopus, SpringerLink e Web of Science, a partir das combinações *booleanas* dos termos em português e inglês, utilizando os descritores citados anteriormente. Após a triagem inicial e aplicação dos critérios de elegibilidade, foram selecionadas 13 publicações para leitura completa. Ao final do processo, cinco estudos compuseram a amostra final desta revisão integrativa, conforme demonstrado no Fluxograma de Seleção (Figura 1).

Figura 1 – Fluxograma de seleção dos estudos



Fonte: elaborado pelos autores.

Os artigos selecionados para compor esta revisão integrativa foram organizados para elucidar os objetivos metodológicos delineados nesta pesquisa.

A pesquisa de Moura, Santos e Marchesini (2021) apresenta uma reflexão sobre a relevância do brincar para os aspectos do desenvolvimento de crianças com TEA, considerando este um fenômeno imprescindível tanto na estimulação quanto no tratamento de crianças acometidas pelo transtorno. Diante disso, esses autores destacam a necessidade de manter atenção a crianças diagnosticadas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) em decorrência dos prejuízos apresentados em funções associadas à capacidade de compreensão simbólica ou às habilidades com os pares e com o mundo, comprometendo de forma significativa a ludicidade.

As autoras apontam que crianças com TEA têm tendência a brincar com objetos e ter baixo índice de interação com pessoas em decorrência das limitações em habilidades sociais. Ainda, ressaltam que comumente as crianças utilizam os brinquedos com estereotípias, de forma disfuncional e descontextualizada, em grande parte, do significado e sentido da brincadeira, utilizando como forma de estimulação sensorial (Moura; Santos; Marchesini, 2021). Além disso, as dificuldades de engajamento nesses sujeitos para o desempenho de brincadeiras imaginativas e os aspectos sensoriais impactam diretamente no processo de autorregulação da criança.

Ademais, observam-se adversidades relacionadas à interação, imitação e manuseio de objetos, tempo reduzido de engajamento em brincadeiras e dificuldades para sequência de ações essenciais para finalizar brincadeiras, comportamentos e interesses restritos que impactam no uso funcional de brinquedos. Além disso, alterações nos sistemas tátil e vestibular podem dificultar a participação da criança com TEA no brincar, visto que as texturas podem gerar incômodo e causar reações intensas (Moitinho *et al.*, 2025).

Segundo Moura, Santos e Marchesini (2021), a brincadeira se constitui em uma valiosa ferramenta para estimulação sensorial. Deve-se, entretanto, considerar que a criança com TEA pode apresentar

Disfunções no Processamento Sensorial. Portanto, deve-se levar em conta a quantidade e a qualidade dos diferentes tipos de estímulos ofertados ao inserir uma criança no contexto da brincadeira, tendo em vista que pode ocorrer uma sobrecarga de informações sensoriais e, em decorrência disso, provocar desorganização da criança, o que compromete seu engajamento e aprendizado pelo brincar.

Dessa forma, a brincadeira livre é essencial para a aquisição e desenvolvimento de habilidades, contudo, o brincar direcionado também tem relevância nesse processo de desenvolvimento. O papel de mediador desempenhado pelo adulto deverá promover a apresentação de novos desafios e possibilidades, implicando o aumento dos repertórios da criança. Barros, Rego e Oliveira (2024) destacam as estratégias utilizadas na Terapia Ocupacional como forma de desenvolver atividades lúdicas para favorecer o treino de habilidades, com o uso de oficinas e intervenções com enfoque no Processamento Sensorial para promover o desempenho ocupacional e funcional da criança em outros ambientes, como: doméstico, escolar e social.

Ademais, os autores ressaltam que as estratégias lúdicas são o alicerce de interação entre o profissional e o paciente com TEA. Outro ponto relevante é que as brincadeiras devem ser selecionadas conforme a faixa etária da criança e suas singularidades, analisando aspectos visuais, sonoros, texturas, peso e tamanho de brinquedos (Barros; Regos; Oliveira, 2024).

Silva e Buffone (2021) corroboram com os autores citados anteriormente ao sinalizar o brincar como forma de comunicação entre dois brincantes e que permite conexões com o mundo real. Assim, o paciente pode demonstrar respostas positivas no decorrer das intervenções ao utilizar o brincar como ferramenta terapêutica, a brincadeira ocupa um lugar renovador de diversão e lazer.

Além disso, destaca-se que os sistemas sensoriais básicos — tátil, vestibular e proprioceptivo — relacionam-se com os sentidos que colhem informações do ambiente externo e atuam no processo adaptativo de sobrevivência, segurança e bem-estar. Portanto, tais sistemas devem ser estimulados no decorrer do desenvolvimento

infantil, através de atividades que envolvam recursos e materiais com diferentes texturas, aromas, movimentos e funções (Ferreira *et al.*, 2024).

Silva e Buffone (2021) destacam que para além de considerar o brincar, uma ocupação intrínseca da criança, é utilizado como recurso terapêutica com crianças com TEA, capaz de proporcionar interação com os pares, pois favorece a construção do autoconhecimento e a aceitação da existência do outro, assim, promove o estabelecimento das relações emocionais e sociais.

Brincadeiras que motivem a criação de outras histórias, formular novas ideias que levem a pensar e resolver conflitos promovem o exercício da capacidade imaginativa. Para além disso, a rigidez do pensamento, característica comumente encontrada em crianças diagnosticadas com TEA, pode ser trabalhada por meio do desenvolvimento de novas estratégias que surgem durante a brincadeira, favorecendo o aprendizado da autorregulação, da flexibilização do pensamento e da resiliência diante de situações que demandem a capacidade de adaptação (Moura; Santos; Marchesini, 2021).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo evidencia que o brincar, quando compreendido em sua dimensão terapêutica e sensorial, constitui uma ferramenta valiosa para a regulação de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Os estudos analisados convergem para a compreensão de que as Disfunções Sensoriais expressas por perfis heterogêneos de hipossensibilidade e hipersensibilidade nas modalidades tátil, vestibular, auditiva, visual, entre outras, impactam diretamente a qualidade lúdica, comprometendo a interação social, a autorregulação e o desempenho ocupacional.

A atuação da Terapia Ocupacional fundamentada na Integração Sensorial de Ayres demonstrou-se essencial na leitura individualizada do perfil sensorial de cada criança, possibilitando a seleção e adaptação

de atividades lúdicas que respeitem e modulem as respostas neurológicas ao ambiente. O uso intencional do brincar demonstra potencial para reduzir comportamentos disfuncionais, ampliar a tolerância a estímulos adversos e favorecer a participação em contextos doméstico, escolar e social.

Contudo, identificaram-se lacunas metodológicas relevantes na literatura: variabilidade de pesquisa, ausência de ensaios clínicos controlados e escassez de instrumentos validados para mensurar desfechos relacionados ao brincar e à regulação sensorial de forma integrada. Tais limitações reforçam a necessidade de pesquisas futuras com amostras maiores, protocolos sistematizados e métricas específicas ao contexto lúdico terapêutico.

Conclui-se que o brincar terapêutico e o sensorial representa não apenas uma estratégia de intervenção eficaz, mas uma linguagem privilegiada de acesso à criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA), capaz de promover reorganização sensorial, ampliar repertórios ocupacionais e fortalecer vínculos terapêuticos e assegurar às crianças com TEA e suas famílias melhores desfechos funcionais e maior qualidade de vida.

REFERÊNCIAS

APA. American Psychiatric Association. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**: DSM-5-TR: texto revisado. 5. ed. rev. Porto Alegre: Artmed, 2023. 1152 p.

AXLINE, Virginia Mae. **Play therapy**: the inner dynamics of childhood. Boston: Houghton Mifflin, 1947. 379 p.

BARROS, Ivana Dos Santos; REGO, Ana Paula Monteiro; OLIVEIRA, Cleiton Francisco Rêgo de. O Transtorno do Espectro Autista (TEA) e as intervenções lúdicas utilizadas na terapia ocupacional: uma revisão integrativa da literatura. **Revista FT**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 135, jun. 2024. DOI: 10.5281/zenodo.12019945.

CHEN, Yixin *et al.* A systematic review and meta-analysis of the relationship between sensory processing differences and internalising/externalising problems in autism. **Clinical Psychology Review**, Amsterdam, Netherlands, v. 114, p. 102516, 2024. DOI: 10.1016/j.cpr.2024.102516.

FERREIRA, Renata de Araújo *et al.* Compreendendo as alterações sensoriais em crianças autistas: uma revisão literária. **Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences**, Macapá, Amapá, v. 6, n. 12, p. 694-705, 2024. DOI: <https://doi.org/10.36557/2674-8169.2024v6n12p694-705>.

GUNDERSON, Jaclyn *et al.* Self and caregiver report measurement of sensory features in autism spectrum disorder: a systematic review of psychometric properties. **Journal of Neurodevelopmental Disorders**, London, v. 15, p. 5, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1186/s11689-022-09473-7>.

GUO, Zixuan *et al.* Systematic review and meta-analysis: multimodal functional and anatomical neural alterations in autism spectrum disorder. **Molecular Autism**, London, v. 15, p. 16, 2024. DOI: <https://doi.org/10.1186/s13229-024-00593-6>.

KADLASKAR, Girija *et al.* Patterns of sensory processing in young children with autism: differences in autism characteristics, adaptive skills, and attentional problems. *Autism*, London, v. 27, n. 3, p. 723-736, 2023. DOI: 10.1177/13623613221115951.

LANDRETH, Garry L. **Play therapy: the art of the relationship**. 3. ed. New York: Routledge, 2012. 435 p.

LYU, Bingchen. Effectiveness of sensory integration-based intervention in autistic children focusing on Chinese children: a systematic review and meta-analysis. **Frontiers in Psychiatry**,

Lausanne, Switzerland, v. 16, p. 1-12, 2025. DOI:
<https://doi.org/10.3389/fpsy.2025.1623149>.

MARTINS, M. F. M. **Estudos de revisão de literatura**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ/ICICT, 2018. 37 p.

MOITINHO, Karina dos Santos *et al.* Relação entre o brincar e o perfil sensorial de crianças com transtorno do espectro autista. **ARACÊ**, São José dos Pinhais, v. 7, n. 2, p. 8626-8651, 2025. DOI: 10.56238/arev7n2-238.

MOURA, Alanna Moura e; SANTOS, Bruna Monyara Lima dos; MARCHESINI, Anna Lúcia Sampaio. O brincar e sua influência no desenvolvimento de crianças com Transtorno do Espectro Autista. **Cad. Pós-Grad. Distúrb. Desenvolv.**, São Paulo, v. 21, n. 1, p. 24-38, jun. 2021. DOI: 10.5935/cadernosdisturbios.v21n1p24-38.

SILVA, Geniele Severiano da; BUFFONE, Flávia Regina Ribeiro Cavalcante. O brincar para a criança com Transtorno do Espectro autista (TEA): possibilidade de intervenção da Terapia Ocupacional. **Revisbrato**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 188-203, 2021. DOI: <https://doi.org/10.47222/2526-3544.RBTO36473>.

WANG, Chenyu *et al.* Impaired cerebellar plasticity hypersensitizes sensory reflexes in SCN2A-associated ASD. **Neuron**, Cambridge, v. 112, n. 9, p. 1444-1455.e5, 2024. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.neuron.2024.01.029>.

WILLIAMS, Kathryn L. *et al.* Use of sensory adaptive environments with autistic children: a scoping review. **Research in Autism Spectrum Disorders**, Amsterdam, Netherlands, v. 114, n. 6, June 2024. DOI: 10.1016/j.rasd.2024.102362.

WHO. World Health Organization. **International Classification of Diseases 11th Revision (ICD-11) for Mortality and Morbidity Statistics**. Geneva: World Health Organization, 2019. Disponível em: <https://icd.who.int/browse/2025/en>. Acesso em: 23 abr. 2026.